

O fortalecimento dos estigmas de gênero no fotojornalismo: análise semiológica da edição 2417 da Revista IstoÉ¹

Alessandro SILVA²
Ana Beatriz ARAÚJO³
Andrea Teresa Martins LOBATO⁴
Jakeline Lemos MOTA⁵
Samya Stephany Coelho de SOUZA⁶
Universidade Ceuma, São Luís, MA

Resumo

Análise da reportagem de capa da revista *Isto é* sobre a ex – presidente Dilma Rousseff edição 2417, de 06 em abril de 2016. O artigo discute os processos de significação advindas das fotografias e do texto jornalístico à luz dos conceitos semiológicos e fotográficos e sob os aspectos do preconceito sexista e ideológico misógino com a qual a mulher tende lidar em sociedade.

Palavras-chave: Semiologia; fotojornalismo; misoginia; Revista *IstoÉ*.

No dia 06 de abril de 2016 a revista *IstoÉ* publicou em sua reportagem principal uma matéria com o título “*Uma presidente fora de si*”, sendo esta a matéria de capa. Segundo a revista, a ex-Presidenta Dilma Rousseff tinha “sucessivas explosões nervosas, quando, além de destemperado, exibe total desconexão com a realidade do país”. Eleita em 2010 como a primeira presidente mulher do país. Dilma Rousseff, assumia o cargo executivo de maior importância em um país em que a representatividade feminina ainda é exígua, sua reeleição em 2014 garantiu-lhe o mandato presidencial até 1º de janeiro de 2019, mas em 2015, em meio às investigações da “Operação Lava-jato” o seu mandato sofreria grandes abalos até culminar no impeachment da Presidenta.

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Ceuma, membro do Grupo de Estudos em Comunicação e Escrita - GECE . e-mail: alessandroyeshua19@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Ceuma, e-mail: beatrizaraujo641@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Maranhão; Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente da Universidade Ceuma. e-mail: andreatmlobato@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Ceuma, e-mail: jakeline.lemos@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do Ceuma, membro do Núcleo de Tv da Universidade Ceuma. e-mail: s.stephanny@outlook.com

Durante séculos, as mulheres foram submissas aos homens, as principais funções femininas eram voltadas para o lar e a maternidade, enquanto homens exerciam cargos de importância tanto na sociedade como no mundo político, a representatividade feminina ficou turva durante muito tempo.

Veículos de comunicação utilizam de meios gráficos e visuais em fotografias para atrair atenção de seus leitores, recursos que permitem inúmeras possibilidades de construções acerca da imagem. A mídia detém um papel fundamental na sociedade, a construção de opinião de um indivíduo, uma vez que assuntos pautados pela sociedade são aqueles veiculados por um meio de comunicação, os recursos visuais e/ou gráficos ajudam a formar ou reforçar um conceito sobre um assunto que será pautado. As fotografias da ex-presidenta publicadas pela revista serão objetos de análises e discussão ao longo do artigo.

Compreendendo a Semiologia

Semiologia, ciência que tem como objeto os signos. Trata - se, portanto, de um ramo da ciência que visa a abranger todos os signos, tendo como precursor Ferdinand de Saussure, filósofo suíço, que através de seu trabalho, suas pesquisas, elaborou teorias para fundamentar e explicar a linguística como ciência e o signo linguístico. Seus estudos foram publicados em 1916 em seu *Curso de Linguística Geral*, com isso Saussure consegue influenciar outros pensadores em variados campos que tratam do estudo da linguística. Ao estudar o modelo linguístico, Saussure tem a percepção de que a linguagem é um sistema de signos, é uma organização no qual esses signos estão repletos de significados, que abrange tanto imagens, gestos, sons, objetos, escrita, que por mais que não apresentem linguagem uma convencional - escrita/oral - se encaixam em um sistema de significação. Saussure se detém a estudar e aprofundar-se em dois tipos de linguagem, a verbal e a não verbal, para tanto estabelece uma perspectiva diádica de significante e significado.

Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que *conceito* ou *idéia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado (plano das idéias), algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da expressão), que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, p. 80). Melhor dizendo, *a imagem acústica é o significante*. Com isso, temos

que o signo lingüístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80), semelhante a uma moeda. (CARVALHO, 2003)

Entendendo que a relação de significante e significado é construída alheia às vontades próprias de determinado indivíduo, e sim construído e internalizado em seu meio social, apresentando por viés ideológico e culturais a estrutura e ideia pela qual um elemento, um signo é influenciado e formado, “sendo parte da mensagem icônica está numa relação estrutural de redundância ou revezamento com o sistema da língua; quanto aos conjuntos de objetos (vestuário, alimentos), estes só alcança o estatuto de sistemas quando passam pela mediação da língua, que lhes recorta os significantes (sob a forma de nomenclaturas) e lhes denomina os significados (sob a forma de usos ou razões).” (BARTHES, 2006, p.12).

Seguindo a ideia semiológica de Saussure, surge outro segmento para a semiologia dada por Roland Barthes, ensaísta e seguidor da teoria e metodologia saussureana, que ao mesmo tempo em que incorpora uma nova perspectiva, relacionando ao signo o subjetivo e o social. O signo é possuidor de uma singularidade polissêmica, influenciada pela historicidade, apresenta-se de forma dupla, com uma determinação da língua e da fala, bem como que apresenta em conjunto uma leitura linguística e translingüística, que gera um aumento de perspectiva. (BARTHES, 2006).

Barthes entra em discordância com o modelo de Saussure, mas do que uma distância de ideias, trata-se de uma ruptura epistemológica. Acrescenta à semiologia a importância de considerar a conotação no meio lingüístico, e desta forma faz ser seu legado teórico e analítico, com a representativa de uma singularidade, que torna evidente a importância de considerar a conotação no entendimento e compreensão dos signos. (BARTHES, 2008).

Saussure se deteve a estudar e explorar apenas uma parte da semiologia, deixando alguns pontos e noções diferentes serem reveladas por outros pensadores, como Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo, historiador e cientista norte-americano. Peirce concebe a semiologia um novo ramo, novas ideias que completam e estruturam de melhor forma o entendimento sobre os signos e suas significações, a semiótica. “O nome

semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*.” “Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem.” (SANTAELLA, 1983, p.7).

A Semiótica é percebida e estabelecida devido seu caráter múltiplo e abrangente, na qual diferente da Semiologia, não se detém a estudar e explicar somente um ponto de vista, um aspecto particular, a linguagem humana, mas a ir mais além, entender que a linguagem é diversificada, bem como a amplitude dos signos existentes. “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA, 1983, p.13).

Com seus estudos Pierce amplia a concepção e noção da linguística, assim como da noção de signo. Para ele o signo surge para representar algo, e só se determina como signo, caso esteja diretamente ligado ou que substitua algo contrário a si mesmo. “Signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele” (SANTAELLA, 1983, p. 58).

Pierce ainda conclui o signo em um modelo triádico, fundamentado em seus estudos sobre fenomenologia, onde consegue explicar o processo perceptivo das coisas, o mundo externo ao indivíduo, chamado por Pierce de fenômeno. Caracterizadas pelas três categorias: primeridade, secundidade e terceridade, ou por outra nomenclatura também posta por Pierce como classificação do signo em ícone, índice e símbolo, que constituem no momento da percepção e vai se tornando uma representação que é um signo. Devido a isso, se conclui que o signo não é alguma coisa, e sim a representação de algo, que sua significação depende do seu interpretante direto, o indivíduo em particular, que depende da sua forma de associação e interpretação própria. Tudo que é entendido como mundo, é antes um signo, segundo Santaella:

Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma idéia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o *Interpretante* do signo, é, desse modo, mediatamente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante. (SANTAELLA, 2000, p.12)

Constitui-se como conceito, ainda, a semiose, que é a relação da associação que se faz dos signos, um processo de ligação entre um signo a outro, determinando e influenciando a percepção e a interpretação de um objeto, fato ou algo em questão.

Dadas essas informações e observâncias é compreendido que a semiologia e a semiótica estudam e se estruturam para designar e ajudar na ideia de construção e formação de sentidos, através da linguagem humana, como também além dela. Essa produção de sentidos serve para variadas ocasiões e segmentos da comunicação, auxiliando e dando suporte aos meios comunicativos existentes, como o Fotojornalismo, que em prática necessita e se baseia pela configuração de significância e sentidos propostos pela explicação destas duas ciências.

Da fotografia ao fotojornalismo

Compreender como a fotografia perpassou por caminhos de rupturas até se estabelecer e se hibridizar com outras ferramentas que a utilizaram como item de construção da informação, torna-se viável para entender de que modo o jornalismo se apropria dessa técnica na composição de suas narrativas. O jornalismo impresso foi um dos meios que se valeu destas práticas e pôde aos poucos ser reconhecida como utilidade informativa. A fotografia passou por alguns processos antes de ser incorporada ao fotojornalismo, esses percursos dizem respeito ao que estas representavam assim que surgiram.

Em seus primórdios, as fotografias eram tidas em sua forma mimética (DUBOIS, 1998) e espelhavam a realidade. A foto era tal qual o seu referente, era análogo a realidade. Este era o primeiro pensamento em torno da fotografia: de que ela era o *espelho da realidade*. Essas construções partem da sua gênese tecnicista que, segundo o que se pensava, garantia a sua reprodução fiel sem intervenção humana. Esses pensamentos, segundo Dubois (1998), balizam as construções da funcionalidade e significância da fotografia.

O que por um lado pôde ser percebido como espelho da realidade, tornou-se enfraquecido diante do que se pensava ser a *transformação do real*. Esse novo viés de enxergar a fotografia, permitia inferir que a foto não era o *espelho do real*, mas a transformação da realidade (DUBOIS, 1998). É a partir dessas concepções que o conceito da foto como transformação da realidade consegue sobrepor-se a ideia anterior, como declara Dubois: “(...) sublinham que a foto é eminentemente codificada (sob todos os tipos de ponto de vista: técnico, cultural, sociológico, estético etc.)” (DUBOIS, 1998, p. 37).

Nessa tentativa de caracterizar a fotografia, Philippe Dubois fala de outra definição que se coloca a cima das que foram citadas: de que a fotografia é percebida

como *um traço do real*. A foto não é mimese; não é uma transformação, é o traço de um real. Dessa forma, a foto apresentará um discurso do índice e da referência (DUBOIS, 1998).

A foto sendo percebida a partir desses três conceitos consegue de modo gradual ser identificada, como pontua Dubois, um traço de uma realidade dentre tantos que há. Como vertente dessas realidades, o fotojornalismo é um segmento que incorpora a fotografia no modo de produzir notícia e se torna crucial na identificação visual de personagens, cenas e objetos e, por vezes, baliza as matérias jornalísticas.

O fotojornalismo nasce em um cenário positivista e é sobre estas circunstâncias que é inserido na imprensa (SOUSA, 2002). Contudo, a foto, aos olhos dos editores, não era identificada como algo valorativo, pois se acreditava que esta não possuía características que se enquadravam às práticas da cultura profissional das redações. Com isso, para que se estabelece como forma de recurso ou como elemento principal da matéria, passou por inúmeros entraves.

O que Sousa (2002) pontua, refere-se ao modo como a fotografia, dentro de um período marcado pelas questões científicas, tentava se estabelecer. Um modo secundarizado presente nas ilustrações onde se podia retratar a vivência das pessoas, acaba perdendo espaço para um modo que lhe assegurava um certo pesar de importância tal qual a escrita possuía (SOUSA, 2008). Dentro desse mesmo período, há entre as empresas, a fomentação por competir entre quem conseguiria a notícia em primeira mão. O que resultou, também, no aparecimento de máquinas menores e resolução com mais qualidade.

Foi a partir dessas iniciativas de buscar a melhoria dos equipamentos e aprimorar técnicas de fotografar, que o trabalho realizado pelos foto-repórteres se torna de grande valia para o funcionamento das produções jornalísticas. As fotorreportagens são a extensão daquilo que se tem enquanto produção de conteúdo noticioso. É, em primeiro momento, através das imagens que se narra as histórias de modo visual. A imagem possui uma certa condensação de significados que, ao ser alinhada às matérias jornalísticas denotam um sentido do que se pretende (SOUSA, 2008).

É a partir desse anseio que a fotografia consegue, de algum modo, garantir seu espaço e colaborar para geração de sentido em dada matéria. Com a busca constante em noticiar em primeira mão, o imediatismo torna-se uma prática diária nas redações. Esse imediatismo, em alguns momentos pode corromper os processos da informação pois,

o que se pode tentar inferir é que as montagens atreladas à rapidez da produção das imagens, assim como o próprio texto, podem induzir há um certo subjetivismo. Este artigo busca entender como os veículos de comunicação, ao utilizarem determinados personagens para ilustrar suas matérias, conseguem delinear ou realmente realizar, uma intencionalidade que culmina, muitas vezes, em comportamentos preconceituosos e misóginos, quando o personagem ilustrado é uma mulher.

A representação da mulher na mídia

Desde os tempos primórdios a mulher é considerada como um ser inferior que deve ser submissa ao homem. É fato notório que “não data de hoje a opressão das mulheres e a História é pontuada de suas tentativas e lutas para modificar a situação” (MORENO, 2008, p. 24). E de que forma as mulheres são retratadas nos veículos de comunicação? O que é ser mulher nos tempos atuais? Como são veiculadas as lutas pela igualdade de gênero?

Sabe-se que “enquanto vivermos numa sociedade que pretende impor subjetivações autoritárias, as mulheres devem se unir, por afinidade ao direito básico de simplesmente poderem ser o que quiserem” (VIEGAS et al., 2016, p. 13). Porém, a despeito de toda luta desencadeada a favor da equidade de gênero, o que ainda se vê é uma mídia misógina que fortalece a estigmatização da mulher como um ser objetificado, submisso e histórico. Pode-se exemplificar fazendo-se uso da “injustiça nos modos de representação de gênero no espectro midiático, tendo como centro a presidenta Dilma Rousseff e a representação de seus discursos através da imprensa e de seu filtro contaminado pelo patriarcado.” (VIEGAS et al., 2016, p. 15). Esse artigo intenta explorar esse fato com maior nitidez e perceptibilidade.

Nos meios de comunicação, inoportunamente, é comum as divulgações serem orientadas por questões de gênero. Em relação ao objeto estudado neste artigo “observa-se que a cobertura negativa sobre o governo Dilma não esteve relacionada apenas às denúncias de corrupção da Lava Jato e às crises econômicas e política, mas, sobretudo, ao fato da presidência ser gerida por uma mulher” (BOROSKI, 2016). A mídia exerce uma grande influência sobre as pessoas, pois é indiscutível o fato que “a midiaticização é um processo de referência para a construção dos sujeitos, ou seja, tem papel imprescindível na construção e reafirmação de valores morais, sociais e direitos civis e

das questões de gênero” (BOROSKI, 2016), podendo dar, portanto, uma visibilidade negativa ou positiva ao que está sendo noticiado.

Um dos estigmas sociais que ainda persistem nos meios de comunicação é “de representatividade política de mulheres desigual e a exclusão desfavorece a luta por direitos das mulheres enquanto grupo social” (BOROSKI, 2016). A ex-presidenta da Argentina Cristina Kirchner também foi vítima frequente dessa estigmatização (figura 1), mostrada repetidamente com uma expressão raivosa ou apática, dando a entender que estava vulnerável emocionalmente e sem condições de gerir o país.



Figura 1: Capas da Noticias de la Semana

Contudo, como pode se verificar pela capa da *Revista Época* (figura 2), quando a raiva e o descontrole são provenientes de um homem, ela é retratada como um dom, algo bom. Então, com “enfoques distintos da mesma temática (a raiva), e uma distinção clara: quando a exteriorização da fúria advém de uma mulher, é julgada como uma explosão, uma manifestação violenta e desequilibrada; quando provém de um homem, é uma dádiva, um poder, um benefício” (LOPES, 2016, p. 2).



Figura 2: Capa da revista *Época*. Edição de 26 de junho de 2010.

Infelizmente, “os discursos midiáticos reproduzem e reforçam modelos normativos de representação de gênero, ao assumir valores e papéis femininos de como uma mulher deve (ou não) ser, agir e portar-se”. Urge a necessidade de uma desconstrução dessa desigualdade vivida entre o homem e a mulher.

A discrepância em relação ao gênero é uma realidade e a misoginia e o machismo são revelados em vários segmentos, inclusive sendo reforçados pelos veículos de comunicação que, eticamente, deveriam combater essa terrível injustiça.

“Uma presidente fora de si”: análise semiológica das imagens

Analisar de forma semiológica as imagens que compuseram a matéria da revista *IstoÉ*, pressupõe um olhar que tente evidenciar as construções de significados, seja ela no seu sentido segundo (BARTHES, 2001) ou através de ideologias que ratificam a misoginia. Acredita-se que estes componentes estão presentes na fotografia, assim como no próprio texto quando ancorado ou descrito na própria matéria.



Figura 3: Capa da revista IstoÉ. Edição 06/04/2016



Figura 4: Gustavo Miranda/Agência O Globo

A foto de capa da edição de 6 de abril de 2016 da revista *IstoÉ* (Figura 3) trata-se de uma imagem fotografada em 27 de fevereiro de 2013 por Gustavo Miranda da Agência O Globo (Figura 4) durante um discurso efusivo de Dilma Rousseff na 40ª Reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social no Palácio do Planalto, ocasião em que a então presidenta não foi descrita pelos meios de comunicação como se estivesse descontrolada ou “fora de si”.

Nenhum dos grandes jornais relatou a ocorrência de uma ‘explosão nervosa’ da presidente naquela solenidade. O Globo disse que Rousseff discursou em ‘tom firme’, enquanto O Estado de São Paulo classificou o pronunciamento como ‘contudente’. A Folha de São Paulo escreveu apenas que, em sua fala, Rousseff defendeu os princípios de sua política econômica e rebateu as críticas da oposição. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que mais tarde apoiaria o impeachment, destacou o fato de Dilma Rousseff ter sido elogiada no discurso e publicou uma foto da presidente sorrindo. A discrepância entre o título da *IstoÉ* se torna ainda mais flagrante quando se consulta a reportagem que a revista *IstoÉ Dinheiro*, pertencente ao mesmo grupo (...) em nenhum momento apontou indícios de destempero ou de descontrole emocional. (PULS, 2017)

Porém, a revista utilizou-se de métodos de edição de imagens (como o esteticismo, por exemplo) para ficar mais evidente que a presidenta estava tendo uma crise de estresse e fúria, como claramente reforça a frase da capa: As explosões nervosas da Presidente. “Uma descrição incorreta da imagem é a técnica mais simples para desvirtuar o significado de uma foto” (PULS, 2017) e sabe-se que “mesmo se a imagem é apenas visual, é claro que, quando se quis estudar a linguagem da imagem e surgiu a

semiologia da imagem (...) a imagem tornou-se sinônimo de ‘representação virtual’” (JOLY, 1996, p. 37) e se “a imagem é percebida como signo, como representação analógica, já é possível observar (...) existem imagens fabricadas e imagens gravadas.” (JOLY, 1996, p. 39).



DESCONTROLE. A presidente se entope de calmantes desde a eclosão da crise. Os medicamentos nem sempre surtem efeito, atestam seus auxiliares.

Figura 5: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

A matéria é iniciada com a imagem de Dilma (Figura 5) supostamente andando sozinha no corredor do Palácio do Planalto, de costas, com ambos os braços levantados e o rosto levemente voltado para baixo, dando o sentido de que estava em um momento de descontrole e esbravejando sozinha, cheia de raiva. A ancoragem do texto reforça a ideia de descontrole, inclusive afirmando que mesmo os calmantes ingeridos por ela não eram suficientes para o seu autocontrole. Bem, “mesmo quando não se trata de imagem concreta, mas mental, unicamente o critério de semelhança a define”, então a intenção da revista em insuflar que a sociedade acredite no descontrole da presidenta, tem muitas possibilidades de ser realizada, mesmo a referida foto tendo sido manipulada. Como vemos na Figura 6, a imagem real trata-se de uma entrevista coletiva dada por Dilma no Palácio do Planalto, em que a ex-presidenta vista de frente está com o semblante calmo e até mesmo sorrindo. A revista novamente editou a imagem real e por meio da trucagem deu um novo sentido à fotografia.



Figura 6: Bem Blogado

Refletindo sobre a matéria da revista *Isto É* “Uma presidente fora de si”, objeto deste artigo, o que se vê é uma conduta antiética, machista e misógina com o intuito de desacreditar e desqualificar a presidenta perante a sociedade, sugestionando que ela estaria inapta a continuar no cargo devido a seu descontrole emocional. Utilizaram-se de imagens, comprovadamente tiradas fora do contexto inserido na matéria, para intensificar e convencer o público do seu intento inicial. “Sim, as fotos podem iludir, como são as imagens das coisas, e não as próprias coisas, as diferenças entre os signos e seus objetos podem induzir os homens ao erro” (PULS, 2017) e o texto ancorado também é utilizado para reforçar essa significação e interpretação errônea a que se deseja induzir o público, pois “a fotografia, amiúde, é utilizada para comprovar a veracidade da frase que a acompanha, mesmo que a cena tenha pouca ou nenhuma relação com aquilo que é dito” (PULS, 2017).

Este enquadramento da foto (Figura 5) foi colocada pela *IstoÉ* com o firme propósito de reforçar o estereótipo da mulher descontrolada, fora de si, desvairada e enlouquecida, infelizmente, utilizado há tempos, para desqualificar e desvalorizar Rousseff por meio de características psicológicas erroneamente associadas ao gênero feminino, principalmente quando a mulher conquista um posto superior que historicamente não é considerado como legitimamente possível de ocupar.

A imagem seguinte (Figura 7) mostra a então presidenta Dilma Rousseff com um *megafone*⁷ nas mãos e ao lado a imagem do Juiz Sérgio Moro. O título que compõe as imagens diz o seguinte: Os alvos do destempero: a descompostura presidencial não escolhe vítima. Sobra para todo mundo (*IstoÉ*, 2016).

⁷ Instrumento utilizado para falar em uma tonalidade maior. Se equipara a um microfone.



Figura 7: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

O texto que *ancora* a imagem de Juiz Sérgio Moro, cita, aparentemente, uma frase de Dilma Rousseff em que ela diz que o juiz iria pagar pelo que estava fazendo. Essa imagem, mostra o juiz em *grande plano* com uma das mãos na testa com expressão séria. A imagem que a revista escolhe para ilustrar Dilma Rousseff é a de um desenho dela com um megafone aparentando dizer algo. O desenho presume evidenciar um elemento da conotação que seria o *esteticismo* (BARTHES, 2001) que se traduz na ambiguidade se fazendo quase que pintura. Acredita-se que o megafone represente a necessidade que a presidenta tem de gritar a todo momento.

Na Figura 8, vemos as imagens distribuídas ao longo da matéria de modo a formar uma *sintaxe*⁸, os sentidos são proporcionados a medida em que estas fotos estão agrupadas. Em uma outra análise, a foto da Maria do Rosário é colocada em *plano médio* e conotando uma *pose*. A frase que está *ancorada* ao texto diz o seguinte: “cale a boca. Você não entende disso. Só fala besteira.” Essa frase teria sido dita por Rousseff, segundo o jornal.

Maria do Rosário aparenta um tom sublime que contradiz a frase da então presidenta. Ela não demonstra não “saber de nada”, pelo contrário, estar de modo ereto e parece ter certeza do que fala. Acredita-se existir dentro dessas construções de sentidos, uma motivação política do veículo, que a todo momento tangencia Dilma Rousseff como alguém que estar tratando todo mundo mal. O título que ancora as imagens denota isso.

⁸ Elemento de conotação que se refere a compilação de imagens que juntas produzem um sentido diferente da que produziriam se estivessem isoladas (BARTHES, 2001).



Figura 8: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

Em outra imagem, em um *plano geral* aparecem dois carros pretos e ao fundo acredita-se ser o Palácio da Alvorada. Como ancoragem da imagem, a revista traz uma frase de Rousseff que induz a uma discussão em que ela xinga o motorista e ameaça-o a tirar-lhe o emprego. Ao que se pode tentar inferir até aqui, é perceptível nas construções de sentido exposto pela revista, uma tendência em conferir um julgamento pejorativo que são evidenciados nas adjetivações atribuídos à Dilma Rousseff. Esses julgamentos estão pautados em uma visão que a desqualifica e sob uma prática misógina naturalizada na sociedade (SOUSA, 2016). A matéria não diz quem seria esse motorista, as informações se comportam de modo vago, mas dizem a todo instante ser Dilma Rousseff descompensada.

Na imagem abaixo em *plano conjunto*, a então presidenta está saindo do avião presidencial junto a outras duas pessoas. A frase ancorada mostra uma reclamação de Rousseff ao piloto. A *Isto é*, diz ter Dilma xingado o piloto e invadido a cabine dele. Em pesquisas realizadas em outros sites, quase nada foi encontrado que pudesse se aproximar com as informações apresentadas pelo veículo. A exceção do site *Poder Aéreo*⁹ que fala sobre o modo cauteloso que Dilma tem ao viajar de avião, alegando que ela se preocupa até em saber como é o funcionamento da aeronave.

Na Figura 8, a revista traz Ideli Salvatti secretária de relações institucionais que, segundo a *IstoÉ*, Rousseff havia dito o seguinte: Se na primeira coletiva você já disse

⁹ Site que busca difundir e discutir a tecnologia e história das Forças Aéreas e da Indústria Aeronáutica (AÉREO, 2017).

bobagens, imagina nas próximas (ISTOÉ, 2016). Em um *plano geral*, Salvatti demonstra segurança e tranquilidade, contradizendo as frases de Dilma. O sentido que é produzido nessa imagem figura-se nas relações entre os textos e na própria imagem que gera um sentido segundo, ou um sentido conotado. As contradições apresentadas pela revista tentam induzir a uma conduta inapropriada de Dilma e que ela possui uma descompostura em que todo mundo é afetado.

A última imagem da sintaxe mostra o ex-assessor especial de Dilma, Anderson Dornelles, em *plano médio* olhando de forma a denotar um certo estranhamento. A frase ancorada a foto mostra Dilma Rousseff chamando-o de “menino” e dizendo que ele não fazia “nada direito”. Quando frente ao texto escrito pela revista, o único entendimento que se pode tentar fazer seria o que Dilma o tratava de forma pejorativa, levando a crê que ele é despreparado e que nada sabe fazer.

As informações ganham outra significação quando comparadas com o texto que o site *O Globo* publicou: “Braço-direito de Dilma, Anderson trabalhou com a petista por mais de 20 anos e mantinha com ela uma relação quase filial. Carinhosamente, ela o chamava de “menino” (O GLOBO, 2017). A imagem ganha outro significado, ancorada, claro, ao texto produzido pelo site.

Antecedendo a imagem (Figura 9), há uma passagem no texto, que fala da postura de desespero da presidenta para manter-se a todo custo no poder, usando a estratégia de “comprar” alguns congressistas, oferecendo-lhes cargos e verbas, ainda expõe a falta de preocupação com o orçamento altíssimo que esses fins iram custar e, que também não estava dando a mínima para opinião pública e via com desdém a desaprovação dos eleitores, percebe-se a forte posição negativa atribuída a Dilma pela Revista. A análise da imagem se dá pelos elementos que a compõem e relacionados ao texto de Roland Barthes, na construção de sentido, enfatizando a predominância do elemento Objeto. Analisemos a forma como está construído o placar, do lado esquerdo estão os representantes que são a favor do Impeachment, e nota-se, que a estrutura está semelhante ao da bandeira do Brasil, um símbolo nacional, o que sugere a ideia de um lado positivo e de quem se importa com a melhora e o progresso do Brasil, de quem está do lado do país. Ao lado direito estão os que são contra a causa, e está representada com a predominância da cor vermelha, relacionando ao Partido dos trabalhadores - PT, partido este da presidenta Dilma, já na parte central estão os indecisos, posicionados sobre uma representação de um muro, o que nos remete a expressão comum “estar em cima do muro”

que acompanha o significado já convencionado socialmente do sentido de indecisão destinada a aqueles que ainda não tomaram nenhuma posição ou decisão. E assim a construção de sentido da imagem se faz, através de elementos do social que se tornaram símbolos dentro da sociedade, facilitando e possibilitando o entendimento.



Figura 9: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

A intenção da revista nesta foto (Figura 10) é a de comparação dos dois presidentes que sofreram processo de impeachment e sua atitude frente ao fato. Ao lado esquerdo tem-se o ex-presidente Collor de Melo, praticando atividade física (correndo) demonstrando estar bem, sem maiores preocupações com o momento pelo qual o seu governo estava passando, assim também se apresenta Dilma Rousseff, ao deleitar-se em um momento de lazer, acompanhada de juristas, andando de bicicleta pelo Planalto, como mencionado no texto abaixo das imagens.

A revista constrói a ideia da presidenta, não se importar com a situação, se mantendo distante, ainda mais enfatizado pela passagem no texto da matéria “Enquanto o País vive uma crise sem precedentes, a petista se comporta como se nada estivesse acontecendo”, “ela parece dar de ombros”. É enfatizada também a comparação da

porcentagem do índice de reprovação, 69%, semelhante ao de Collor, e ainda a posição de alegar seus opositores como “golpistas” e sendo eles vítimas do “sindicato de golpe”. Tanto a escolha das imagens quanto a legenda, sugere o que fora mencionado anteriormente na matéria sobre os estágios pelo qual uma pessoa passa para lidar com a perda, a imagem estaria sugerindo a fase de negação, em que se encontra negando a realidade e alheios aos fatos, talvez um disfarce. Está é a posição empregada pela revista,

mas não podemos excluir o fato de que está foto, pode não ter passado de um momento realmente de lazer, sem mesmo se passar nessa situação de Impeachment e a revista ter se apoderado da imagem e ter lhe dado um outro sentido.



Figura 10: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

Na imagem acima (Figura 11) *posada e em um plano médio* a ex-presidenta aparece no centro da foto com um semblante triste/abatido, essa é a primeira análise que fazemos ao olhar para a foto, mas a imagem traz textos que dão um segundo sentido a mensagem, mensagem essa intencional propagada pela revista. O texto do seu lado direito diz que a ex-presidenta está “cada vez mais só” que ao analisarmos a imagem notamos que não há ninguém sentado do seu lado esquerdo nem direito, o que nos leva a entender que diante do impeachment ela estava só sem apoio de ninguém no cenário político e popular.

Em outra análise cujo texto diz que Dilma “precisou convocar plateia”, entende-se que com suas mãos apoiadas nas cadeiras que estão em seus dois lados, ela estava por esperar alguém ou que alguém ainda poderia chegar, remete a ideia de que ela ainda teria esperanças de que alguém estaria do seu lado. Observa-se que há uma intencionalidade da revista ao ancorar textos que são traduzidos na imagem e assim gerar um segundo sentido.

O texto do seu lado esquerdo escrito em caixa alta e com a cor amarela que traduz a ideia de atenção, nos leva a continuar a leitura da matéria logo abaixo que diz que a ex-presidenta diante do impeachment estaria usando as mesmas táticas que usou na sua candidatura, ou seja, que programas do seu governo acabariam se ela não ganhasse

as eleições e que segundo a construção noticiosa da revista esse discurso estaria também presente diante do processo de impeachment da ex-presidenta.



Figura 11: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

Na última imagem do artigo (Figura 12), a revista encerra a matéria com uma foto reprodução *posada em primeiro plano* da pintura de Maria I, historicamente chamada de Maria, a louca. Maria foi a primeira rainha de Portugal e por questões geopolíticas da época a primeira rainha do Brasil no final do século 18, sofria por problemas mentais e acabou afastada do cargo por aqueles que diziam que ela não teria condições para continuar a frente das decisões. Contudo o que a revista quis passar foi a comparação entre Maria I e Dilma, comparações essas de caráter intencional ao trazer em seu texto Maria em seu pior estado de não sanidade sem apontar algum feito que ficaram nos registros histórico que a mesma deixou durante sua passagem pelo trono.

O texto logo abaixo da foto começa falando que não seria a primeira vez que uma mulher governaria o país e acabaria louca, vez que a rainha Maria I também esteve no poder e perdeu o cargo por decisão de uma maioria. Essa comparação remete ao fato que ambas, Maria I e Dilma, perderam o controle da situação.

Nota-se que a intencionalidade aqui da revista foi que o fim da ex-presidenta Dilma seria o mesmo que o de Maria, saindo por decisão da maioria e acabaria por ficar louca. O que se discute é uma comparação de caráter misógino ao compará-la a outra mulher, nenhum outro homem na história do Brasil ficou com raiva ou perdeu o controle da situação? A intenção é comparar Dilma e Maria, intenção essa de mostrar que mulheres não estão preparadas ou seguras para assumir cargos que são somente aceitos aos olhos

da sociedade por homens, e a revista vem reforçar essa cultura machista que a sociedade vive.



Figura 12: IstoÉ, Revista Edição digital (2016)

Na última figura do artigo (Figura 12), a revista encerra a matéria com uma foto reprodução *posada em primeiro plano* da pintura de Maria I, historicamente chamada de Maria, a louca. Maria foi a primeira rainha de Portugal e por questões geopolíticas da época a primeira rainha do Brasil no final do século 18, sofria por problemas mentais e acabou afastada do cargo por aqueles que diziam que ela não teria condições para continuar a frente das decisões. Contudo o que a revista quis passar foi a comparação entre Maria I e Dilma, comparações essas de caráter intencional ao trazer em seu texto

Maria em seu pior estado de não sanidade sem apontar algum feito que ficaram nos registros histórico que a mesma deixou durante sua passagem pelo trono.

O texto logo abaixo da foto começa falando que não seria a primeira vez que uma mulher governaria o país e acabaria louca, vez que a rainha Maria I também esteve no poder e perdeu o cargo por decisão de uma maioria. Essa comparação remete ao fato que ambas, Maria I e Dilma, perderam o controle da situação.

Nota-se que a intencionalidade aqui da revista foi que o fim da ex-presidenta Dilma seria o mesmo que o de Maria, saindo por decisão da maioria e acabaria por ficar louca. O que se discute é uma comparação de caráter misógino ao compará-la a outra mulher, nenhum outro homem na história do Brasil ficou com raiva ou perdeu o controle da situação? A intenção é comparar Dilma e Maria, intenção essa de mostrar que mulheres não estão preparadas ou seguras para assumir cargos que são somente aceitos aos olhos da sociedade por homens, e a revista vem reforçar essa cultura machista que a sociedade vive.

Considerações Finais

O processo de significação é, sobretudo, uma construção de sentidos. O indivíduo se envolve ou não pela narrativa que lhe oferecida, podendo por vezes, corroborar ou rejeitar determinada informação. A foto, como recurso de composição da informação, bem como o texto, carregam sobre si valores que tecem o imaginário das pessoas, o jornalista, por sua vez, consegue apreender esses valores e empregar às suas narrativas.

O processo de significação das imagens que compuseram a reportagem da revista *Isto é* sobre a ex - presidenta da república - Dilma Rousseff -, pretende, ao que pode tentar inferir, inculcar sentidos que, hegemonicamente vem sendo suscitado na sociedade: a mulher servil que não sabe realizar tarefas, “ditas de homens” e que na maioria das vezes beira o destempero e a loucura. Ao fazer comparações com outros veículos midiáticos; fundamentar com teorias relevantes o artigo pretende evidenciar de que forma, na escolha do recorte narrativo, a revista adota uma postura misógina e com rupturas básicas das funções jornalísticas como, por exemplo, a checagem de informação e a construção da imparcialidade.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo, Cutrix, 2006.

_____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BEM BLOGADO. **Machismo da IstoÉ**: revista argentina publicou reportagem semelhante contra Cristina em 2013. Disponível em <<http://bemblogado.com.br/site/machismo-da-istoe->

revista-argentina-publicou-reportagem-semelhante-contracristina-em-2013/> Acesso em 15 nov. 2017.

BOROSKI, Marcia. **A presidência tem gênero: o conteúdo relacionado à Dilma Rousseff nas capas de revistas durante o segundo mandato.** São Paulo: COMUNICOM, 2016.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure.** Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em <<https://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>> Acesso em 15 nov. 2017.

CUMBICA, Galeão. **Dilma ‘invade’ cabine do piloto e vira ‘corneteira’ dos voos oficiais.** Disponível em: <<http://www.aereo.jor.br/2013/05/26/dilma-invade-cabine-do-piloto-e-vira-corneteira-dos-voos-oficiais/>> Acesso em 16 nov. 2017.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** São Paulo: Papyrus, 1996.

LOPES, Paula Cunha. **“As expressões nervosas da presidente”:** estereótipos de gênero na Revista Istoé e a repercussão com a hashtag #IstoÉMachismo. São Paulo: INTERCOM, 2016.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo.** São Paulo: Ágora, 2008.

O GLOBO. **Elencado na lista de Janot, ex-assessor de Dilma nega relação com Odebrecht.** Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/elencado-na-lista-de-janot-ex-assessor-de-dilma-nega-relacao-com-odebrecht-21069514> > Acesso em 16 nov. 2017.

PULLS, Maurício. **Verdadeiro ou falso.** 2017. Disponível em <<https://revistazum.com.br/revista-zum-12/verdadeiro-ou-falso/>> Acesso em 14 nov. 2017.

RAMOS, Roberto. **Roland Barthes: a semiologia da dialética.** 2008. Disponível em <<https://www.uces.br/revistas/index.php/conexao/article/view/158/149>> Acesso em 15 nov. 2017.

REVISTA ISTOÉ. **As explosões nervosas da presidente.** Ano 39. N.º 2417. Editora Três. Abril de 2016.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas.** São Paulo: Pioneira, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotografia: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** São Paulo: Porto, 2002.

VIEGAS, Daniela et al. (Org.) **Mulheres que comunicam**: mediações, sociedade e feminismos.
Belo Horizonte: Letramento, 2016